

ALDEIA

**REFLEXÕES DE UMA COMUNIDADE
EDUCATIVA EM APRENDIZAGEM**

VOLUME I

APRENDIZAGEM E INFÂNCIA

Leticia Chaves Monteiro

2021 Escola Casa da Infância

ISBN 978-65-00-31424-3

Autoria e Edição geral: Leticia Chaves Monteiro. Projeto Gráfico: Maíra Aruza Katz dos Santos.
Imagens: André Fernandes. Revisão: Marília Régis Dourado. Colaboração: Larissa Souza da
Silveira

Salvador, Bahia, Brasil

Esta é uma obra desenvolvida a partir de experiências de diálogos da comunidade da Escola Casa da Infância, em Salvador-BA, durante os anos de 2017 a 2021



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons -
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

ALDEIA

**REFLEXÕES DE UMA COMUNIDADE
EDUCATIVA EM APRENDIZAGEM**

VOLUME I

APRENDIZAGEM E INFÂNCIA

Leticia Chaves Monteiro

*ESTA É UMA OBRA DESENVOLVIDA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE
DIÁLOGOS DA COMUNIDADE DA ESCOLA CASA DA INFÂNCIA, EM
SALVADOR-BA, DURANTE OS ANOS DE 2017 A 2021*

SALVADOR
2021

**Acreditamos que a sociedade pode ser diferente,
e que isso pode começar na escola, na família, com as crianças...**

***Acreditamos que a aprendizagem se dá com respeito ao
tempo e ao jeito de ser de cada um...***

***Acreditamos na individualidade enquanto possibilidade inédita e única
de expressão de si, e na coletividade que se fortalece pelas
diferenças...***

***Acreditamos que escola é lugar de construir relações
de parceria, de respeito, de complementaridade...***

***Acreditamos que a realização está na descoberta do que faz sentido
para si, a possibilidade de viver isso e expressar-se,
e o encontro com parceiros que partilham e se complementam...***

***Acreditamos que a escola é espaço de formação do ser humano
integral.***

***Acreditamos que todos tem potência para agir
de forma responsável e participativa a partir de um processo de
escolha autônoma, e isso começa na primeira infância...***

***Acreditamos que a escola não é uma preparação para a vida, é a
própria vida.***

**Acreditamos que somos melhores
quando estamos juntos!**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	4
A CASA DA INFÂNCIA -----	6
1. LIBERDADE PARA APRENDER E CONSTRUIR A PRÓPRIA LIBERDADE -----	8
2. COMO AS CRIANÇAS APRENDEM? -----	11
3. O BRINCAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA -----	19
4. COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL PARA UMA EDUCAÇÃO AMOROSA, EMPÁTICA E NÃO VIOLENTA -----	27
5. A APRENDIZAGEM E O DIREITO AO ENCONTRO DE NOVAS ESTRATÉGIAS -----	37

O Aldeia surge em abril de 2017, proposto pelas psicólogas Leticia Chaves e Larissa Silveira e pela pedagoga Marília Dourado, idealizadora da Escola Casa da Infância, como uma alternativa de diálogo e empoderamento comunitário, pela crença no valor da coletividade para a vivência e compreensão dos mistérios e belezas de acompanhar o desenvolvimento de existências recém-chegadas nesse mundo.

Diante de uma perspectiva social de distanciamento de experiências com a infância, em uma realidade cada vez mais individualista e especializada na criação e educação das crianças, buscamos encontrar a conexão com a história, sombras e desejos presentes em cada um, nas famílias e entre nós, para esta vivência tão singular.

Criar filhos na sociedade atual tem exigido uma abertura a encontrar novas formas de ser e estar uns com os outros, especialmente porque muitas vezes recebemos todo o peso de sermos os únicos responsáveis por garantir o crescimento saudável dos nossos filhos, ainda que não saibamos exatamente o que isso significa ou como garantir isso diante de uma realidade tão complexa, exigente, de um tempo sem tempo, com mudanças significativas nas relações de trabalho, familiares e de vizinhança.



Acreditando que os desafios nos impulsionam a buscar novas formas de relação entre pares, propusemos esta roda de diálogos chamada ALDEIA (pois é necessário uma tribo inteira para criar uma criança), que se propôs a ser um espaço periódico de encontro, partilha, escuta e diálogos. Durante a pandemia, o Aldeia passou a ser chamado de *Diálogos em Casa*, por meio virtual, sempre preservando a condição de intimidade, confiança e partilha construídas durante o seu período inicial.

Estar juntos, pensar juntos, ouvir uns aos outros, pode trazer possibilidades e alternativas para lidarmos a experiência da parentalidade, minimizando mecanismos de compensação diante de faltas que, por vezes, acreditamos não dar conta; ampliando a consciência sobre repetições e exigências externas que nos sugam, consomem e não nos alimentam; e, indo além, encontrando caminhos próprios, reais, inteiros e integrados entre nós e o nosso contexto de existência.

Aqui estão textos produzidos, ao longo desse tempo, a partir de diálogos e partilhas com esta comunidade, trazendo talvez mais perguntas do que respostas, que agora compartilhamos para que estas experiências possam ultrapassar fronteiras e construir sentidos com outras famílias e educadores.

A CASA da Infância

UMA COMUNIDADE EM APRENDIZAGEM E EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Somos uma escola baiana, nascida em 2013, fruto de uma família de educadores que acredita na educação como possibilidade de transformação de cada um e do mundo. Que acredita que a vida é vivida a cada dia, que as relações podem ser horizontais e verdadeiras, que estamos todos construindo esse projeto educativo, nas escolhas e investimentos que são feitos, sobretudo os investimentos que acontecem a cada “bom dia” e a cada acolhimento. Buscamos não alimentar a lógica da prestação de serviços ao cliente como máxima, uma vez que acreditamos que os valores que pautam as relações humanas vão além disso. A todo momento, consideraremos que cada um que faz parte da Casa, é de Casa, e contaremos com a presença de todos para viver os momentos mais lindos e os mais desafiadores.

Nós acreditamos na presença, na ação e nas relações que nos transformam, que não se mantêm estáticas e que não são determinadas por outrem de forma isolada ou autoritária. Acreditamos que podemos construir relações democráticas reais, em que todos são contemplados, mesmo que, em algum momento, alguns precisem ceder ou tenham suas perspectivas reconsideradas diante do que é possível. Acreditamos sim, que a vida pode ser bem vivida, mas que isso só é possível quando é para todos. Acreditamos realmente que a maior herança que podemos deixar para os nossos filhos é que eles sejam capazes de fazer as suas escolhas considerando o outro, não apenas o próprio sucesso.

Eventualmente, não atenderemos alguma expectativa. Eventualmente, teremos algo que pode ser considerado uma falha. Eventualmente, precisaremos fazer algum ajuste. Eventualmente, precisaremos descansar. Eventualmente, algumas coisas levarão mais tempo do que imaginávamos. Eventualmente, algum de nós, não saberá o que fazer, por isso, sempre buscamos estar juntos. Em todas essas eventualidades, entretanto, estamos inteiros. Com o que há de melhor em nós, e também com o que ainda gostaríamos de aprender e nos desenvolver. Eventualmente, teremos atitudes contraditórias. Mas acreditamos que a excelência do nosso atendimento é podermos ser nós mesmos – como seres únicos e mutáveis que somos –, e contribuir para que as crianças e famílias também descubram e encontrem os seus próprios caminhos.

Talvez essa seja a maior busca da vida, e procuramos vivê-la em nossa Casa. Por isso, declaramos ser um projeto educativo em permanente construção. Por isso, declaramos ser uma comunidade em aprendizagem. Por isso, a convivência entre nós às vezes nos parece (e é) tão diferente e nos convoca a repensar tantos paradigmas, tantos modos de ser estabelecidos, que muitas vezes não concordamos, que nos fazem adoecer, que não nos permitem, de fato, viver, que diz que precisamos de coisas para dar certo. Desejamos deixar de seguir esse fluxo com automatismo, e buscar cada vez mais consciência e ações em outras direções.

Acreditamos que nossas vidas estão entrelaçadas e que a nossa ação repercute no outro e no mundo. Assim, entendemos a escola como um lugar de aprendizagens necessárias à nos fazer capazes de enxergar os novos desafios do mundo e sentir-nos parte da mudança e da busca por soluções.

LIBERDADE PARA APRENDER E CONSTRUIR A PRÓPRIA LIBERDADE

O QUE DESEJAMOS PARA AS NOSSAS CRIANÇAS? E PARA A NOSSA SOCIEDADE?

O mundo se recria a cada vez que um bebê nasce. São infinitas as suas possibilidades, assim como são infinitas as expressões culturais ao redor do mundo, as diferentes línguas, as múltiplas possibilidades sonoras, as descobertas científicas que se expandem a todo momento... Nós, seres humanos, nascemos com toda essa potência existencial e criativa.

- ★ Então, enquanto adultos, educadores, como podemos ofertar às crianças relações, ambientes e experiências que contemplem todo esse vasto universo de possibilidades?
- ★ Como construir um processo educativo pautado em relações horizontais, dinâmicas, fluidas, em que toda a comunidade (educadores, crianças e famílias) se reconheça como seres aprendentes?
- ★ Como organizar contextos, ambientes e materiais em meio aos quais as crianças possam compreender o mundo em sua diversidade, beleza, singularidade e semelhanças a partir de experiências reais e significativas?

- ★ Como podemos fortalecer o convívio entre crianças de diferentes idades e assim, construir relações de parceria, inspiração e cuidado?
- ★ Como podemos aproximar as crianças do mundo natural, da aprendizagem que permeia todos os sentidos, e que é experimentada pelas próprias mãos?
- ★ Como repensar os espaços físicos das instituições destinadas à educação infantil?
- ★ Como podemos valorizar as produções das crianças, as suas expressões gráficas, emocionais, simbólicas, dando visibilidade no espaço educativo?
- ★ Como podemos acompanhar as crianças enquanto testam suas hipóteses autênticas e criam teorias inéditas sobre o mundo?
- ★ Como podemos oferecer relações e processos educativos que contemplem a diversidade dos processos de aprendizagem das crianças, em que elas se sintam fortalecidas diante do grupo para expor o seu ponto de vista e transformá-lo a seguir, em confronto com outros pontos de vista?
- ★ Como podemos considerar o cotidiano na escola como um tempo em que se vive a segurança das relações construídas e dos processos necessários ao bem estar, com abertura à vida, ao inédito, à participação em momentos como alimentação, horta, organização dos espaços...?

Assim como são as infinitas possibilidades das crianças, são infinitos os caminhos possíveis para viver isso com elas. Cada comunidade escolar, cada família, deve buscar seus próprios caminhos. É preciso estar disponível para viver a liberdade e a abertura à experiência.

O controle, obediência, programação e limites podem ser substituídos por relações de autonomia, corresponsabilidade, participação em decisões e escolhas e proposições pedagógicas construídas de forma artesanal, conectadas ao que é significativo para o grupo, com respeito ao tempo das crianças.

Desejamos a liberdade como plena expressão de si mesmo diante do outro e do mundo. Para isso, precisamos vivê-la e construí-la com as crianças!

Para saber mais:

ROGERS, C. R. Liberdade para aprender. Trad. de Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973

ROGERS, C. Liberdade para aprender em nossa década. Artes Médicas, 1985

2

COMO AS CRIANÇAS APRENDEM?

Partimos da compreensão de que a aprendizagem é uma construção de um processo integrado entre cabeça, coração e corpo inteiro, em conexão com perguntas sobre o mundo, curiosidades e encantamentos que encontram nas experiências e relações a possibilidade de descobertas e aprofundamentos.

Acreditamos que a compreensão sobre como aprender sustenta um dos pontos centrais do nosso projeto educativo, repercutindo em estratégias, materiais, ambientes e construção de relações capazes de promover aprendizagens significativas para cada um e para a comunidade.



Existem inúmeras abordagens sobre a aprendizagem: pedagógicas, psicológicas, biológicas, da neurociência... E sabemos que a pergunta que nomeia este capítulo é altamente tentadora no sentido de talvez indicar uma fórmula. Mas a grande intenção desta pergunta é provocar algumas reflexões sobre o que desejamos enquanto educadores construir com as crianças, considerando aprendizagens tangíveis e intangíveis, e refletir que a forma COMO se aprende é tão ou mais importante que o QUÊ se aprende, pois pode ensinar habilidades e posicionamento no mundo capazes de promover a busca pelo conhecimento e a transformação do que existe.

Quando falamos de ensino e aprendizagem, estamos falando de dois processos distintos: posso ensinar e ninguém aprender, ou só alguns aprenderem. Podemos aprender sem que ninguém tenha nos ensinado. Podemos tirar 10 em uma avaliação e alguns dias, ou meses depois, não nos lembrarmos de mais nada. Na aprendizagem por transmissão são necessários sobretudo os processamentos cognitivos de atenção e memória, mas, na maioria das vezes, são informações que não se traduzem em uma competência prática para a vida, apenas para a resposta à perguntas pré-estabelecidas, em provas e testes, por exemplo.

Nós partimos da compreensão de que promover a aprendizagem vem da experiência em contextos ricos e potentes, com parceiros (crianças e adultos) que provocam novas questões, novas ideias e hipóteses, entendendo o conhecimento como um processo em permanente construção, sem uma resposta única e correta para todos. Além disso, compreendemos que é necessário experimentar com o corpo inteiro, não apenas com a mente, aquilo que se pretende aprender.

Nos debruçamos em uma investigação permanente sobre como as crianças aprendem. E, apesar de termos indícios, sabemos também que existem muitas entradas para esse aprendizado, que passa pela subjetividade de cada criança. O nosso foco, então, é como as crianças podem *aprender a aprender*.

Essa é uma perspectiva sócio-interacionista-construtivista e, a proposta da nossa escola, se inspira na experiência educativa da cidade italiana de Reggio Emilia. Essa perspectiva rompe com aspectos arraigados da cultura escolar: a maioria de nós estudou em escolas em que havia uma carteira pra cada um, que havia um exemplar de cada livro para cada aluno, em que todos estavam posicionados na mesma direção, de frente para a professora e o quadro negro.

Uma escola em que o comportamento adequado e valorizado era o da criança comportada que ficava em silêncio e não conversava com o colega, mantendo a atenção para um único ponto, e que respondia a resposta correta, muitas vezes memorizada do próprio livro. O tempo de brincar era os 25 ou 30 minutos do recreio.



Mas, o que essa dinâmica ensina para além dos conteúdos? Ensina que a aprendizagem é algo individual, que tem a ver com a cabeça e não com o corpo, que é preciso estar correta e ir bem nas provas, que erro é sinal de fracasso, que alguém sabe o que devo aprender e que, se não consigo fazer isso no tempo esperado, é por alguma questão minha apenas, diferente dos outros que conseguiram.

Aprendemos também que os amigos e a brincadeira são menos importantes, ou não são considerados e acompanhados pelos adultos. Cada matéria dentro de uma caixinha, com uma nota para regular a valorização e o sucesso da criança. A crença na punição como algo que vai eliminar um comportamento indesejado. A responsabilização individual, não sistêmica. A ideia de controle e disciplina como algo externo.

Nós, por outro lado, entendemos que a escola deve ser capaz de responder a uma grande pergunta:

Como o ser humano aprende aquilo que é importante para que ele expresse seu potencial, para que possa conviver em harmonia com a comunidade a qual faz parte, com responsabilidade e com possibilidade de encontrar caminhos e estratégias para lidar com os desafios que surgirem?

Essa é a nossa grande busca: o quê traz sentido aos processos de aprendizagem, e sobre o quê deveria se debruçar a escola. A escola já foi o lugar da informação quando esta era restrita. Já foi o lugar da disciplina, do treino para o trabalho nas fábricas (acordar cedo, não poder chegar atrasado, cumprir horário e tarefas pré estabelecidas, tempo restrito de lazer e alegria - reservado ao recreio, fins de semana e férias, fazer avaliações que atestem que está apto e poderá conseguir as melhores oportunidades).

A escola como preparação para a vida que virá no futuro, a escola como preparação para o mercado de trabalho e de consumo. A escola que massifica subjetividades. Infelizmente isso não está só no passado. Mas, felizmente, começamos a viver outras possibilidades!

Como fazer com que a aprendizagem seja significativa?

Como viver uma escola VIVA, que considere o que é importante aqui é agora, não só o que virá no futuro?

Como considerar o impacto do que se vive hoje coletivamente, para o mundo?

Como as crianças aprendem a ser colaborativas e participativas?

Como construir com as crianças a habilidade de expressar seus pensamentos, de considerar diferentes pontos de vista, de revisitar suas ideias e expandi-las a cada nova experiência?

Tudo isso parte de escolhas que consideram a aprendizagem como algo fruto de uma EXPERIÊNCIA VIVA, a partir de algo que MOTIVA, uma EXPERIÊNCIA que pode ser PARTILHADA, QUE PODE SER COMUNICADA e, no confronto de ideias, diferentes perspectivas podem ser TRANSFORMADAS. Que tem um percurso de continuidade no TEMPO e entre os diferentes saberes, ou seja, que não é fragmentada em horários específicos para cada matéria, nem termina no mês de dezembro.

Os indícios para a *aprendizagem significativa* estão presentes a todo instante quando ESCUTAMOS as crianças, as perguntas que fazem com palavras e com atos, com as mãos curiosas que investigam o mundo. Porque quando faço um bolo para um amigo em seu aniversário, estou aprendendo sobre medidas e frações, sobre texturas, sobre processos químicos, exercito minha capacidade leitora, a criatividade para a decoração, e ficamos felizes juntos, por celebrar a vida e a amizade, comendo um delicioso bolo.

O cotidiano e o ambiente em que estão inseridas são as principais fontes de curiosidade e motivação para a aprendizagem. Isso requer do adulto além da escuta, um profundo conhecimento sobre o que se deseja que as crianças aprendam, para que possam cultivar as múltiplas conexões que uma experiência apresenta, considerando também a potência das crianças naquele momento.

Por exemplo, em relação à receita, e sua relação com fração e leitura. Obviamente, esses conteúdos seriam para uma criança que já teve experiências anteriores que lhe possibilitaram aquisições matemáticas e alfabéticas. Para uma criança de um ano, sentir a textura dos ingredientes, encher e esvaziar os potes de medida com os ingredientes, talvez façam mais sentido. Assim, uma mesma experiência pode ser acesso para aprendizagens diversas.

Um outro aspecto é considerar que há muitas linguagens humanas para além da oralidade, da competência escritora e leitora. Como seria pensar que as crianças se expressam através dos seus desenhos? Através dos movimentos do corpo? Através da música? Por que à medida que as crianças crescem, tem seis horários para português e matemática na semana, e só um pra artes? O que comunicamos sobre a hierarquia desses saberes? Como integrá-los em uma mesma experiência?

Pensar que há diferentes entradas para a aprendizagem nos faz rever os contextos e proposições que possibilitem a cada criança experimentar diferentes linguagens e encontrar a que mais lhes possibilita expressar-se em cada momento.



- ★ APRENDEMOS TAMBÉM POR IMITAÇÃO,
- ★ APRENDEMOS NO CONFRONTO DE IDEIAS,
- ★ APRENDEMOS NA TRANSFORMAÇÃO DO QUE EXISTE.
- ★ APRENDEMOS QUANDO PODEMOS VIVER EXPERIÊNCIAS ÚNICAS E PARTILHÁ-LAS,
- ★ E QUANDO FICAMOS CURIOSOS PELO QUE O OUTRO FEZ E TEMOS A OPORTUNIDADE DE OUVÍ-LO.
- ★ APRENDEMOS QUANDO TEMOS A OPORTUNIDADE DE TESTAR DIFERENTES ESTRATÉGIAS,
- ★ CONSIDERANDO O ERRO COMO PARTE DO APRENDIZADO.
- ★ APRENDEMOS QUANDO ESTAMOS EM CONEXÃO ENTRE CORPO, MENTE, CORAÇÃO, ESPAÇO, RELAÇÕES E CURIOSIDADE.
- ★ QUANDO NOS É OFERTADO TEMPO.
- ★ QUANDO SOMOS ESCUTADOS.
- ★ QUANDO NOS TORNAMOS CAPAZES DE OUVIR OS CLAMORES DO MUNDO E NOS SENTIMOS PARTE DA TRANSFORMAÇÃO.

Para saber mais:

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança : a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Penso, 2015. v. 1.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2.

3

O BRINCAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA

A brincadeira é a forma mais genuína da expressão das crianças e, a partir dela, se conhecem e reconhecem, interagem e buscam compreender o mundo, seus sentimentos e emoções. Como linguagem da infância, defendemos a prioridade do brincar como condição indispensável a uma infância bem vivida.

Pensar sobre o brincar é pensar sobre a infância. A falta de compreensão deste como um processo importante, característico dessa fase da vida e que promove aprendizagens, está relacionada a um desconhecimento e à pouca valorização da própria infância.

As relações sociais são dinâmicas, cada contexto, cada tempo histórico, cada cultura, tem uma forma de se relacionar com a infância. Como um importante historiador francês, Philippe Ariès (1981) destacou, a infância, como nós a conhecemos hoje, é uma invenção moderna, ela não existia na idade Média, quando as crianças eram vistas como “homens em miniatura”. Só na idade Moderna as crianças passam a ser vistas como diferentes dos adultos, como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias.

Para a nossa cultura, ainda é um processo em construção considerar as crianças em sua potência, reconhecer as suas linguagens, a forma de pensar e se expressar, pensar a infância em suas características próprias e como uma fase em que também se *constrói* cultura, e não apenas se reproduz o que está posto. É comum dizer “criança não tem querer”, como um declaração explícita (embora não refletida) sobre essa lógica de poder que desconsidera as crianças como sujeitos.

Além do desejo de que as crianças sejam obedientes e que evitem movimentos, sons, e outros comportamentos que “atrapalham” a rotina e a vida adulta.

Mas, como escutar as crianças? De que forma elas se expressam? Como podemos nos aproximar das suas expressões?



O brincar é, de fato, uma das grandes linguagens da infância, é uma das formas mais potentes das crianças se comunicarem e de compreenderem a vida. As crianças brincam para entender o mundo ao seu redor, em jogos simbólicos em que exercem diferentes papéis sociais. As crianças brincam para conhecer a potência e limites do seu corpo. As crianças brincam enquanto conhecem o mundo, os elementos da natureza, os objetos. As crianças brincam refazendo grandes movimentos da humanidade: a busca de abrigo, a fuga, o confronto. As crianças criam enquanto brincam e representam seu imaginário nas composições que fazem.

Mas somos seres culturais, relacionais, e o brincar, por mais que seja uma linguagem característica da infância, pode ter um tempo e formas diferentes de expressão a depender do contexto e das relações que a sociedade, os adultos, os espaços, estabelecem com as crianças. O tempo do brincar pode ser, inclusive, reduzido a uma “ferramenta” utilizada pelos adultos para conter as crianças, a brincadeira, o lúdico como “distração”, como ação não criativa.



- ★ Assim, é importante pensar: como tem sido o brincar das nossas crianças? O que seria o brincar livre? E o brincar autônomo?
- ★ Que tempo, espaços e relações as crianças têm para vivenciarem o brincar autônomo, que é também espontâneo e criativo?
- ★ Como o contexto interfere para que o brincar seja ponte para aprendizagens significativas?
- ★ O que significa contemplar o brincar como uma linguagem, nos processos de aprendizagem?
- ★ Proposições lúdicas necessariamente contemplam a potência do brincar das crianças?



Apesar de o brincar e a brincadeira serem frequentemente associados à infância, inclusive de forma estereotipada: “ser criança é ser feliz, é brincar, é ser espontâneo...”, muitas vezes não há uma valorização dessas experiências, que são inclusive contrapostas ao conceito de seriedade e importância, como quando se diz “era só uma brincadeira”. Se percebe também na atualidade crianças com menos oportunidades de brincar, ao conviver em espaços estéreis de materiais e relações que despertem o brincar autônomo, seja pelas rotinas cheias de atividades, ou pela redução do brincar à relação com brinquedos e eletrônicos.

Não é o brinquedo que faz a brincadeira. O brincar é uma linguagem, é uma forma de expressão, de comunicação e de compreensão do mundo. A brincadeira é um elemento de socialização. O brincar pressupõe espontaneidade, descoberta, curiosidade, construção. Não se trata de mera distração. Não é preciso ensinar as crianças a brincar, mas o contexto ofertado para que ela invista nessa ação faz toda a diferença. Materiais e contextos que dão oportunidade de exploração, investigação, de múltiplas criações, sem definições prévias, potencializam a experiência do brincar.

Tem havido discussões crescentes sobre as consequências da exposição das crianças ao mundo virtual e aos brinquedos eletrônicos e o impacto disso no interesse das crianças pelo brincar. Como marca do mundo atual, sabemos que em alguma medida esses equipamentos estarão presentes, assim, é importante sempre considerar a relação que é estabelecida com o brincar e com esses equipamentos, a relação entre os adultos e as crianças, a intenção com que os adultos disponibilizam essas ferramentas para as crianças e o contato que elas têm com outros materiais.

Há espaço para o ócio, que provoca a criatividade, ou os espaços e tempos estão sendo preenchidos com aulas, atividades, jogos e filmes em cores vibrantes e músicas hipnotizantes? Há possibilidade de expressão corporal, do corpo que busca seu equilíbrio, sua firmeza, sua fluidez, ou a docilização dos corpos é o foco dos materiais e equipamentos disponibilizados às crianças? Há possibilidade de expressar-se, de descobrir-se e de descobrir ao outro, ou os jogos convocam apenas ao desenvolvimento de habilidades e metas necessárias à manutenção da ordem posta?

Então, pensando nas crianças com quem se convive, que se encontra em lugares públicos: Quais são as suas possibilidades? O que entendemos que elas podem fazer? Muitas vezes a relação com as crianças se dá muito mais pelas negativas, ao que a criança não pode, ao que não consegue, ao que ainda não faz. “Não suba aí, não coloque o dedo na tomada”...

“As ações das crianças, desde as mais corriqueiras, são podadas: como correr, pular, rolar, discordar, experimentar, dormir ou não querer dormir, ir ao banheiro ou não poder ir ao banheiro, querer ficar sentada em silêncio ou poder se expressar por meio das múltiplas linguagens, particularmente a corporal.” (Buss-Simão et al, 2010:164)

Como ir além das negativas, impossibilidades e não saberes e construir uma visão que considere que há uma cultura própria da infância?

“Essas reflexões nos dão pistas para pensar estratégias educativas que privilegiem essa dimensão no cotidiano dos contextos educativos: conceber as crianças e seus corpos como potencialidades, e não mais como uma natureza que precisa ser “controlada” e moldada. (Buss-Simão et al, 2010:165)

Uma das experiências educativas que parte dessa perspectiva se dá na cidade de Reggio Emilia na Itália, e que parte da perspectiva da criança potente, criativa, investigadora: as crianças são investigadoras tanto por estarem curiosas por conhecer o mundo, e assim, fazem suas pesquisas, como também por criarem hipóteses e teorias sobre o que conhecem.

“As crianças têm a força e a riqueza da curiosidade; dos porquês; de quem sabe que pode fazer; do estupor, das maravilhas. São potentes porque podem ser sempre mais; por estarem, desde o nascimento, encontrando o mundo, aprendendo e aprendendo a aprender, desde a amamentação. São competentes para aprender, para se emocionar, para amar; são competentes para as relações e interação, com um grande respeito e curiosidade pelo outro e por si próprias; são competentes para construírem-se, enquanto constroem o mundo; são competentes para construírem teorias de interpretações do mundo.” CARLA RINALDI



Pensar a infância significa pensar a sociedade e as relações que vivemos. Não é uma etapa desconectada, não é uma fase que pode ser vivida *per se*. Está conectada à nossas escolhas. A infância será vivida e terá as marcas de como nos organizamos enquanto sociedade e do que desejamos para a nossa sociedade. Construir com as crianças possibilidades de expressar, é construir novas possibilidades sociais. Conviver com as crianças, nos dá a oportunidade diária de encantar-nos pelo mundo, pelas relações e descobertas. Nos faz estar mais presente no aqui e agora, ensina mais sobre autenticidade, sobre empatia... Nos ensina sobre nós mesmos.



Para saber mais:

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981

BUSS-SIMÃO, Márcia et al. Corpo e infância: natureza e cultura em confronto. Educação em Revista [online]. 2010, v. 26, n. 3

PIORSKI, Gandhi. Brinquedos do Chão: A natureza, o imaginário e o brincar. Peirópolis, 2016.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. Casa Redonda: uma experiência em educação. 2013

4

COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL PARA UMA EDUCAÇÃO AMOROSA, EMPÁTICA E NÃO VIOLENTA

Acompanhar uma criança em sua jornada de crescimento é algo belo e misterioso. Desejamos educar os filhos para que sejam pessoas responsáveis, agradáveis, inteligentes... Mas, no dia a dia ao longo do seu crescimento, existe um mundo de ações, reações e relações que são desconhecidas, e algumas nos colocam diante de sentimentos ambíguos entre nosso desejo e expectativas e o que acontece de fato.

Entramos em contato, de forma consciente ou não, com a nossa própria experiência e ideia de infância, além das ideias (e sugestões, e críticas...) dos que estão a nosso redor.

Acreditamos que expandir a nossa compreensão sobre o desenvolvimento infantil de forma integral, considerando o desenvolvimento físico, emocional, social, bem como acender luzes sobre as condições sociais existentes para a infância e as possibilidades da família e rede de apoio em lidar com a beleza e os desafios, são um caminho possível na construção de uma educação amorosa e não violenta.

Falar de desenvolvimento infantil, de empatia, amorosidade e não violência, é falar de algo muito precioso, que vai muito além de indicar sinais do desenvolvimento físico ou cognitivo. É falar de conexão, de reconhecimento, e de uma construção que se dá na relação entre seres humanos. É falar da possibilidade de reinventar o mundo e nós mesmos, de investir na nossa potência criadora que vem a partir da singularidade das nossas individualidades, e de investir em um presente que tem a potência de construir um futuro inédito, pautado em corresponsabilidade, em autorregulação, em um exercício de liberdade que não se sobrepõe ao outro, mas que se integra ao outro, preservando a expressão das próprias idiosincrasias.



O que chamamos de desenvolvimento, para além de um desenvolvimento infantil, é o desenvolvimento humano e a possibilidade do desenvolvimento da nossa humanidade (tanto no sentido de humanidade enquanto um valor, quanto humanidade no sentido da nossa espécie).

Para a psicologia, nós somos seres biopsicossociais, ou seja, há uma relação intrínseca entre a nossa condição biológica e as nossas condições sociais e psíquicas. Nos últimos anos, tem sido cada vez mais apresentado pela neurociência que, mesmo a nossa pré-condição biológica é influenciada por nossas experiências: o desenvolvimento cognitivo, neurológico, está profundamente conectado com o meio onde se vive, com o que se vive enquanto experiência e as relações interpessoais que se estabelecem.

Nesse sentido, algumas questões inquietantes se conectam a aspectos próprios do desenvolvimento infantil e a sua relação com a nossa forma de educar.

O quanto as nossas expectativas estão próximas ou distantes do que as crianças são capazes de entender e de se regular?

O que as crianças acessam e compreendem das nossas expectativas sobre o seu comportamento?

Como podemos apoiá-las a construir a sua inserção sadia no mundo, dentro das suas possibilidades?

Como o comportamento das crianças, suas respostas ao meio, às nossas indicações enquanto família/educadores, se relaciona com a sua maturação cognitiva e emocional?

Uma grande parte dos neurônios é formada ainda durante a gestação, podendo chegar a 250.000 neurônios por minuto (OLIVA et al, 2009). A criança nasce e vem então as primeiras interações extrauterinas, em que se expande o mundo de possibilidades e relações vividas. É na infância que a maior parte do neocórtex é formada, sendo que nos primeiros 3 anos de vida é quando são estabelecidas o maior número de sinapses no cérebro.

Estas conexões formam uma base para o funcionamento do cérebro por toda a vida e as conexões que são alimentadas por neurotransmissores liberados por afeto e experiências, se mantém, são fortalecidas. Ou seja, todas as crianças nascem com esse potencial de conexões, mas a preservação dele vai depender das experiências vividas e do afeto presente nas relações. Experiências de segurança tendem a reforçar essas sinapses, fazendo com que perdurem por mais tempo, enquanto que experiências de abandono, descuido, estresse, falta de investimento afetivo, podem interferir nessas conexões.

Conexões não utilizadas se desfazem, sendo importante por isso a diversidade de experiências e a vivência destas com sentido e afeto.





Pensando nesse período inicial de vida, apesar de vivermos muitas situações novas, desconhecidas, geralmente existe um controle maior dos adultos em relação às crianças: reconhecemos suas demandas como *necessidades*, e temos a possibilidade de exercer mais as *nossas vontades*: escolher a roupa, a hora do banho, o que vai ser ofertado de alimento...

As rejeições ao alimento, por exemplo, são mais toleradas porque a criança ainda está em introdução alimentar. Quando a criança começa a andar, ainda é possível carregá-la se está indo para um lugar que não desejamos, etc... Nesse período, até os dois anos, quando em um ambiente saudável, os cuidadores buscam reconhecer e atender às necessidades das crianças.

Com o desenvolvimento da fala e do andar e a maturação desses processos, passa a se expressar com mais veemência a *VONTADE das crianças para além daquilo que é reconhecido como NECESSIDADE pelos adultos*. As reivindicações, as solicitações intensas, as expressões de frustração, passam a estar mais presentes, e se inicia um novo período nessa relação, em que surge, para além da vontade dos pais, a *VONTADE das crianças*. Mas, se pensarmos culturalmente, é muito presente a ideia de que “criança não tem vontade”, “criança não escolhe”, especialmente quando esses pedidos não são reconhecidos como importantes ou vem acompanhados daquilo que se reconhece como “birra”.

Por que é tão desafiador lidar com a *VONTADE das crianças*?

A expressão da vontade pelas crianças tira os adultos do seu lugar de controle. São as primeiras expressões de uma identidade em construção, que se diferencia dos pais. Quando vem em forma de pedidos que não podem ser atendidos, geralmente são seguidas por reações enérgicas, choros e movimento.

A presença da vergonha se estamos em lugares públicos, de julgamentos em olhares e palavras, geralmente torna mais difícil o exercício da empatia com as crianças nesses momentos. Pois, de alguma forma, compartilhamos um ideal de criança bem educada e obediente e julgamos esses atos como falta de educação. Além disso, por outro lado, a escuta às crianças é entendido como algo que vai gerar crianças mimadas, algo que estaria distante do ideal de filho desejado socialmente. O controle dos adultos sobre as crianças se coloca como um desafio, e na tentativa de mantê-lo, muitas vezes recorremos a padrões culturais autoritários que não priorizam as emoções e a maturação neurológica e emocional das crianças.

- ★ Como conciliar tudo isso? O que isso que chamamos de birras significam para as crianças? Como costumamos avaliar as solicitações e expressões de vontade das crianças?
- ★ Como decidir o que é possível e o que não é desejável? E, nesses casos, que recursos temos para lidar com as expressões de FRUSTRAÇÃO e RAIVA das crianças?
- ★ Como seria pensar que o funcionamento cerebral da criança ainda está em desenvolvimento e que a sua forma de pensar, elaborar e reagir, é distinta da nossa?

Uma coisa importante, pensando de forma integrada, é que o desenvolvimento da fala e da argumentação pelas crianças pequenas, não necessariamente significa que ela possui repertório e maturação neurológicas para regular as próprias emoções a partir da racionalidade das explicações.

As crianças nascem com o sistema límbico bem desenvolvida, que é o que lhe ajuda a se expressar e reconhecer sinais de expressões humanas, incluindo de descontentamento, insegurança etc. Mas ainda vai levar um tempo até que se desenvolva o neocórtex onde estão as conexões necessárias para a tomada de decisões e o reconhecimento de consequências de suas ações, que lhes permitirá antecipar situações de forma racional.

Às vezes, as reações parecem muito emocionais e desproporcionais ao que está sendo vivido, aos olhos dos adultos. É muito comum para as famílias que desejam não agir simplesmente de forma repressiva, a tentativa de lidar com essas situações através de argumentação e diálogos.

Entretanto, quando se trata de crianças muito pequenas, a possibilidade de assimilar racionalmente aquelas informações, é pequena, pois as crianças ainda não conservam as informações ou internalizam tudo o que é dito pelo adulto.



O entendimento de que isso é um processo em desenvolvimento é importante para pensarmos em como agir diante disso. Assim, o acolhimento à expressão emocional, a possibilidade de ajudá-la a nomear a emoção sentida, observar a respiração, aproximar-se fisicamente, são apoios mais efetivos para apoiá-la a se restabelecer.

Que tempo e espaço (interno e externo) temos para estar presentes com as crianças, cotidianamente (repetidamente), para que possamos construir com elas a compreensão de si mesmas, do mundo, das regras, enfim, do necessário para a vida é convivência humana?

A vida moderna, a pressa, os inúmeros compromissos, o tempo reduzido com os filhos, também interferem diretamente nas nossas condições para exercitar a amorosidade e a empatia. Quando precisamos sair em cinco minutos e a criança começa a chorar porque não quer aquela roupa, ou quando, depois de pronta, suja a roupa... São situações que mexem conosco e nos fazem agir de forma mais reativa do que ativa.

Nesses momentos, buscar um acolhimento amoroso, que busque regular as emoções, tirar o foco do que está despertando aquela emoção, entrar no mundo simbólico e na brincadeira, geralmente funcionam melhor que argumentar, agir com agressividade ou tentar adiar a situação (a noção de tempo também ainda está sendo construída nas crianças na primeira infância). Mas, para isso, é preciso construir a ideia de que a criança não está simplesmente sendo desobediente, mal educada, "impossível".

Além disso, as vezes nos cansamos diante da necessidade que as crianças têm de vivenciar a repetição: tanto de precisarmos repetir muitas vezes a mesma coisa, quanto de ler a mesma história etc... A repetição é uma forma de ampliar a apropriação das crianças das situações vividas, de compreendê-las e testá-las diante de pequenas variações do contexto. As brincadeiras são uma das formas mais potentes de experienciar os diferentes papéis, de repetir, e assim, ir construindo a própria compreensão dos fenômenos e relações.

Transformar essa compreensão nos ajuda a ter mais tolerância, mais espaço interno para lidar com essas expressões e a agir sem ampliar ainda mais a situação de estresse.

Detalhes como estes sobre o desenvolvimento das crianças, sua relação com as emoções, nos coloca como parceiros na construção de suas possibilidades de auto-regulação, inaugurando um caminho de busca por acolhimento e comunicações mais efetivas entre adultos e crianças.

Para saber mais

OLIVA, Angela Donato, Dias, Gisele P. e Reis, Ricardo A. M. Plasticidade sináptica: natureza e cultura moldando o Self. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2009, v. 22, n. 1 Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100017>

REICHERT, Evania. Infância, idade sagrada. Edições Vale do Ser, 2016

SANTOS, Elisama. Por que gritamos? Paz e terra, 2020

SANTOS, Elisama. Educação não violenta. Paz e terra, 2019

ROSENBERG, Marshall. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Editora Ágora, 2006

Série O Começo da Vida. Disponível em: <https://ocomecodavida.com.br/>

5

A APRENDIZAGEM E O DIREITO AO ENCONTRO DE NOVAS ESTRATÉGIAS

Ao pensar na aprendizagem e nos processos de ensino, é importante rememorar a história das instituições escolares, suas estruturas e propostas pedagógicas, bem como o próprio processo de escolarização vivido. As considerações da psicologia aos processos de aprendizagem, aos condicionamentos que tanto atuaram e ainda moldam tantos comportamentos também são referências que culturalmente sustentam estas instituições.

Por sua vez, as reflexões filosóficas propiciam ir além, em busca de sentido para o quê se aprende, como se aprende, porque se aprende, buscando chegar ao que se ensina, como se ensina, porque se ensina. Diante de tudo isso, serão feitas reflexões sobre o ensinar e o aprender que embasam a escolha de uma educação viva e para a vida, para a construção da autonomia e da cidadania, com potência para uma transformação social, de pessoas e instituições.



Há relação entre o ensinar e o aprender, mas eles não são necessariamente uma consequência lógica um do outro: posso aprender pelas minhas experiências ou com algum par ou outra pessoa, mesmo sem que tenham tido a intenção de me ensinar, e posso ter passado por professores que ensinaram, mas que não provocaram em mim um aprendizado sobre o que desejavam que eu assimilasse. Posso, ainda, em uma ocasião prevista de ensino, diante da incompreensão de um assunto, de precisar de um tempo maior ou de mais e diferentes experiências e exercícios, aprender não sobre o conteúdo, mas que sou incompetente em determinada área: “Não entendo química”, “matemática é difícil”, dizemos tantas vezes.

As experiências escolares nos ensinam não só sobre conteúdos, mas sobre o que uma comunidade reconhece e espera do nosso lugar no mundo. Pode nos ensinar sobre relações entre pares, sobre competição, meritocracia ou, ao contrário, promover situações que oportunizem o aprendizado sobre participação, colaboração, co-responsabilidade, auto-estima. Sobre estudar para conseguir uma nota e um destaque, ou para conhecer as maravilhas que a humanidade já descobriu e que pode nos auxiliar em nossos desafios cotidianos, individuais e coletivos, nos ajudando inclusive a desenvolver novas perguntas e novas descobertas.

Enquanto educadores, existem perguntas que devem permear sempre a ação junto aos sujeitos de aprendizagem:

Por que ensino o quê ensino? O que é importante aprender? Como eles aprendem? Como promovo a aprendizagem? O que eu, enquanto educadora, aprendo nesta relação? Como reconhecemos, juntos, o significado do que foi aprendido?

Se trata de pensar o currículo, o quanto é significativo o que se constrói, as pontes estabelecidas entre os saberes, mas, sobretudo, significa expandir a consciência sobre o que acontece no espaço *entre* as pessoas no ambiente escolar. O que se valoriza, no que se investe, que espaço existe para a expressão de si, das diferentes linguagens e saberes, como lapidar as potencialidades, diversas, existentes em cada um. O quanto nos reconhecemos como parceiros de uma jornada, o quanto é possível rever e escolher caminhos, o quanto se expande a criatividade e o olhar sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

Aprofundando a reflexão neste sentido, é importante se perguntar: como cada criança/família me toca? Com quem sinto mais afinidade? Que desafios encontro de aproximação? O que eu reconheço como importante? O que, do comportamento ou dos processos de cada um, não consigo evitar enxergar com julgamento?

É natural existir afinidades que resultam em uma maior facilidade na convivência, tolerância para os percursos ainda em andamento e o investimento e valorização das conquistas. Por outro lado, diante daqueles que nos toca, em pontos delicados, ou que são muito diferentes de nós, pode acontecer de evitar e não conseguir encontrar novos caminhos para a relação e a aprendizagem, apontando justificativas alheias. Então,

Como posso apoiar de forma equitativa as crianças com quem tenho mais afinidade e aquelas que mais me convocam a repensar o meu olhar e as minhas práticas?

Culturalmente, em práticas pedagógicas mais centradas em conteúdos, na meritocracia e no ensino a partir de transmissão, a responsabilização individual pela aprendizagem, o esquema de notas que avalia apenas o resultado do aprendiz, sem considerações sobre quem e como se ensina, centra-se no conteúdo e despreza a complementaridade entre as partes envolvidas. Assim, a reflexão sobre como cada um nos afeta e a interferência disso nos processos de aprendizagem usualmente não é considerada.

Mas quando sustentamos como valor que **TODAS AS CRIANÇAS SÃO CAPAZES**, e reconhecemos a **APRENDIZAGEM E O DIREITO AO TEMPO**, o direito À **SINGULARIDADE**, o direito À **DIVERSIDADE**, o direito A **CONTEXTOS E MATERIAIS RICOS E DIVERSOS**, declaramos que o papel do professor passa também pelo refinamento da consciência de si e do olhar sobre o outro, para que se possa construir percursos de aprendizagem que contemplem a singularidade de cada um.

Inicialmente, descrever o perfil das crianças pode ser uma importante estratégia para iniciar essa reflexão.

- ★ **Como se percebe esta criança individualmente, no pequeno grupo, em assembleia?**
- ★ **Como constrói e demonstra seus vínculos?**
- ★ **Como se expressa diante de algo que lhe agrada ou que lhe desagradada?**
- ★ **Em que linguagens revela maior afinidade e em quais solicita apoio/evita/recusa?**

- ★ **Como podemos detalhar o seu percurso de aprendizagem?**
- ★ **Em que situações se sente mais segura: se apoia nas relações afetivas, nos conhecimentos/habilidades já adquiridos?**
- ★ **Especificamente, que estratégias utiliza para a construção do pensamento lógico-matemático, da escrita, do desenho...?**

Este exercício pode trazer a tona já alguns desafios: existem crianças que sabemos muito sobre, outras que ficamos com várias lacunas quando vamos pensar o perfil... É importante compartilhar e pedir apoio a outros educadores (inclusive com educadores de referência da criança em anos anteriores), para que possamos ampliar as perspectivas, expandir o nosso olhar e oferecer às crianças o direito ao encontro com novas estratégias para a aprendizagem.



Diante de uma perspectiva pedagógica integrada, não classificatória, que respeita o tempo os processos de cada um, é crucial pensar em estratégias de acompanhamento dos percursos vividos pelas crianças. Isso porque respeito ao tempo não significa falta de investimento enquanto a criança ainda não demonstra tanto interesse por algo, por exemplo.

O acesso aos materiais, a presença em um ambiente rico, a partilha dos colegas, a convocação para a participação são fundamentais para que as crianças possam se aventurar nas mais diferentes linguagens e saberes. Os registros, por sua vez, são necessários para que se possa avaliar as tentativas, as estratégias, as buscas/rejeições, apoiando a pensar em novos contextos, relações e materiais de forma mais assertiva e menos pautada nos afetos que nos envolvem diante do que é mais belo ou mais desafiador.

Permitir-se dialogar com essas questões é se colocar também na condição de aprendiz, é vivenciar na prática uma revolução do que acontece no espaço escolar, nas suas relações e intencionalidades. É buscar o exercício da democracia ao mesmo tempo em que se reconhece os próprios desafios, abrindo espaço para ir em busca de parcerias, superações, novas proposições que, conjugadas, expandam os aprendizados e ampliem o reconhecimento das diferentes potencialidades, minimizando julgamentos ou uma hierarquia disciplinar que especifica o que é mais importante, muitas vezes distante da experiência do sujeito e da coletividade.

Para saber mais

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia. Escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz & Terra, 2012



Fotografias:

André Fernandes

@andrefernandes.af | @bocadosolhos





Escola
Casa da
Infância



[@escolacasadainfancia](https://www.instagram.com/escolacasadainfancia)



[Casa da Infância](https://www.facebook.com/casadainfancia)



casadainfancia.com.br

ISBN: 978-65-00-31424-3

BR



9 786500 314243